

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE BELAS ARTES

LICENCIATURA EM TEATRO

LETÍCIA CRISTINA LAGES VIEIRA

A SALA DE AULA VISTA DE OUTRO ÂNGULO:

um relato de experiência

Belo Horizonte
2019

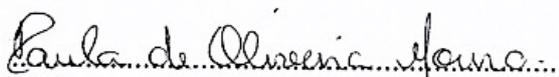
Às 10:00 horas do dia 28/06/2019, reuniu-se na Escola de Belas Artes da UFMG a Banca Examinadora, constituída pelos professores abaixo assinados, para avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da discente Leticia Cristina Lages Vieira, intitulado "A sala de aula vista de outro ângulo – Um relato de experiência", como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Teatro.



.....
Vinícius da Silva Lírio (Orientador)



.....
Marina Marcondes Machado (Membro)



.....
Paula de Oliveira Moura (Membro)

A SALA DE AULA VISTA DE OUTRO ÂNGULO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

RESUMO

Este artigo relata a minha experiência no primeiro estágio obrigatório do curso de Licenciatura em Teatro, da UFMG, realizado no segundo semestre de 2014, no Colégio Logosófico Gonzales Pecotche – Unidade Cidade Nova, Belo Horizonte. Esse estágio é realizado no segundo período da Graduação, com o acompanhamento e observação de aulas de Teatro ou de Arte, no ensino regular. Neste relato, a partir das minhas (auto)narrativas, trago minhas impressões como estudante de um curso de formação de professora de Teatro e sublinho a importância desse primeiro estágio para o meu percurso formativo como docente.

Palavras-chave: Ensino de Teatro, Estágio, Formação de Professora, Licenciatura em Teatro.

A SALA DE AULA VISTA DE OUTRO ÂNGULO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Letícia Cristina Lages Vieira¹
Orientador: Prof. Dr. Vinícius da Silva Lório

Introdução: O primeiro contato

O curso de Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) é dividido em duas habilitações: licenciatura e bacharelado. Os alunos entram juntos, em turmas de 20 pessoas, a cada semestre. Realizamos os três primeiros períodos juntos e, então, devemos decidir qual modalidade seguir. A partir daí, a turma se divide e cada aluno segue seu percurso acadêmico, ou seja, aquele agrupamento inicial se desfaz e o aluno segue, de acordo com seus horários disponíveis para as aulas e pelas escolhas de disciplinas a serem cursadas.

Seguindo a cronologia do curso, no quinto período, o segundo da licenciatura, o aluno deve cursar a matéria Análise da Prática e Estágio de Teatro I, que consiste em 100 (cem) horas aula, divididas da seguinte forma: 36 horas em sala, com o professor supervisor escolhido pelo aluno para observação das aulas de Teatro, na escola; 24 horas na escola, observando e conhecendo a instituição escolhida; 10 horas para procurar, fazer o contato, organizar e levar os documentos necessários para a instituição e para o professor; e 30 horas na universidade, com o professor orientador, que supervisiona as aulas da prática de estágio I, para conversa, orientação e parte teórica que nos auxilia no processo do estágio. Vale ressaltar que a divisão da carga horária prática é feita de acordo com o planejamento do professor orientador do Estágio.

A disciplina Análise da Prática e Estágio de Teatro I visa proporcionar ao estudante a observação e acompanhamento do ensino de Teatro na Educação Básica, no contexto do ensino regular, além do contato com a proposta pedagógica da escola e o projeto de ensino realizado pela professora supervisora no campo de estágio. Seus objetivos são desenvolver a prática de observação e a compreensão do ensino de Teatro, por meio de uma análise crítica das experiências vivenciadas na escola.

¹ Letícia Cristina Lages Vieira. Aluna do curso de Licenciatura em Teatro da UFMG, atriz, desde 2016, e professora no Colégio Logosófico Conzaes Pecotche, desde maio de 2019.

O relato de experiência a ser compartilhado aqui será sobre a prática de estágio I, realizado por mim, no segundo semestre de 2014, entre os dias 18 de agosto e 13 de novembro, no Colégio Logosófico Gonzalez Pecotche, na unidade Cidade Nova. A escola está localizada na avenida José Cândido da Silveira, 330, em Belo Horizonte-MG.

O processo de estágio foi acompanhado, na instituição, com a professora Franciole Ferreira da Silva, formada pela Universidade Federal de Minas Gerais, também, em Licenciatura em Teatro. Essa professora é, ainda, atriz formada pela UFMG e dá aulas de Teatro nesse colégio desde 2009. Ela é docente, também, na outra unidade do colégio, em Belo Horizonte, localizada no bairro Funcionários.

Comecei a dar aulas em 2011, com 19 anos. Conheci um ator, em abril de 2010, que estava começando uma oficina em um projeto social chamado “Itaka Escolápios”, no qual há aulas de teatro, informática, futebol, dentre outros, e os alunos escolhem qual modalidade preferem. Em agosto de 2010, ele começou a me levar para as aulas no projeto e eu assistia as aulas que ele ministrava. Em 2011, ele deixou que eu desse algumas aulas para a turma, enquanto ele me assistia, e, então, aos poucos, comecei a dar aulas sozinha, mas sempre com as sugestões dele, pois era ele quem acompanhava as turmas.

Depois de um ano dando aulas para as crianças, elas fizeram um vídeo para uma apresentação teatral e, neste vídeo, as crianças falaram sobre os professores e a fala delas sobre mim foi basicamente a mesma: “eu gosto dela, ela é uma boa professora, mas muito brava e grita bastante com a gente”. Esse vídeo me deixou bastante incomodada pela forma como eu os tratava e percebi que não era essa a maneira que eu queria dar aula.

Em setembro de 2012, comecei minha Graduação em Teatro, na UFMG. Após alguns anos afastada dessa instituição, por conta da faculdade, voltei a dar aulas no projeto em 2015, já com as experiências dos primeiros estágios da faculdade e percebi a diferença no meu modo de lecionar. Os alunos sempre me elogiavam nas aulas, diziam que eu estava menos brava, mais tranquila, e alguns diziam até que queriam seguir na carreira de atriz/ator por minha causa. Então percebi a importância da graduação, do estudo, das teorias no/do ensino de Teatro e, por conseguinte, dos estágios realizados durante o curso. Daí a escolha por tratar dessa primeira experiência e de ressaltar a sua relevância na minha formação docente.

Antes de adentrar à experiência do estágio, em si, é importante contextualizar o espaço em que o mesmo foi realizado. O Colégio Logosófico tem sedes no Brasil, Argentina e Uruguai. No Brasil têm unidades em Brasília, Chapecó, Florianópolis, Goiânia, Rio de Janeiro, Uberlândia e Belo Horizonte, no bairro Cidade Nova e no bairro Funcionários. A escola é

particular e os alunos, em sua maioria, são de classe média-alta. Na escola é utilizada a pedagogia logosófica que tem sua origem na logosofia, ciência criada pelo argentino Carlos Bernardo González Pecotche² (1901-1963).

Segundo o que propõe ele, a Logosofia seria uma ciência que busca, constantemente, a sabedoria para uma vida mais feliz. Nesse sentido, diz respeito a um investimento do ser pela felicidade através do bem, tornando-se consciente das influências dos pensamentos e atitudes em prol disso.

Sua perspectiva foca na evolução humana consciente, tendo como meta descobrir o porquê e para quê de sua existência, colocando o indivíduo como protagonista da sua vida, fazendo com que a pessoa tenha autoconhecimento e seja responsável. Junto a isso, busca-se que esse sujeito identifique e selecione os pensamentos para uma vida mais livre e direcionada para o bem.

De acordo com Carlos Bernardo González Pecotche (PEDAGOGIA LOGOSÓFICA, 2019), “a Pedagogia Logosófica é a pedagogia do bem-dizer, do bem-pensar, é a pedagogia da felicidade porque, ao mesmo tempo que ensina, faz feliz”.

O Logosófico e as aulas de teatro

A unidade Cidade Nova funciona somente no turno da manhã, com Educação Infantil, do infantil 2 ao 5, e com o Ensino Fundamental I e II, do 1º ao 9º ano. Da Educação Infantil ao 5º ano do Fundamental I, os alunos têm duas professoras regentes para cada turma, que ministram conteúdos variados de português, matemática, história, ciências e geografia, além das professoras especializadas nas áreas de teatro, artes visuais, música, educação física e inglês. A partir do 6º ano do Ensino Fundamental II, as aulas se dividem por áreas, com professores especializados para cada disciplina.

As aulas de teatro são realizadas com alunos a partir do Infantil 5 até o 3º ano do Ensino Fundamental e com alunos do 8º ano. Os dias de observação das aulas foram às segundas-feiras, de 8:30h às 11:20h, com alunos do 2º e 3º ano do Fundamental. Nas quintas-feiras, de 7:10h às 11:40h, com alunos do infantil 5, 1º e 8º anos do Ensino Fundamental.

² Carlos Bernardo Gonzales Pecotche foi um pensador humanista e fundador da Logosofia. Foi, também, escritor, pedagogo e educador.

A professora supervisora dividia as turmas com outros professores, ficando 40 minutos com cada metade das mesmas, isto é, com aproximadamente 15 alunos. A escola possui um auditório com palco, cortina, coxia, onde são realizadas as apresentações dos alunos e alguns eventos da escola, e um espaço ao lado, o hall de entrada do auditório, onde acontecem as aulas de teatro.

Foto 1 – Auditório do Colégio Logosófico – Unidade Cidade Nova.



Foto: Letícia Vieira, 2014.

Foto 2 – Entrada do auditório, espaço onde acontecem as aulas de Teatro



Foto: Letícia Vieira, 2014.

Quando a escola precisa utilizar o auditório para reuniões ou palestras, a professora realiza suas aulas em um pátio, o que acaba tomando um pouco mais de tempo, pois, muitas vezes, ela é avisada em cima da hora e o pátio, por ser mais longe, demanda mais tempo para chegar. Além disso, às vezes, ela começa a aula no auditório e, ao longo da aula, é avisada que haverá uma reunião. Isso deixa claro que a professora tem espaço para dar aulas, mas esse espaço não é de prioridade das aulas.

Relacionando com o que dizem Cilene Nascimento Canda e Carla Meira Pires Batista (2009), no texto *Qual o lugar de arte no currículo escolar?*, conclui que, para o Colégio Logosófico, o ensino de teatro é uma forma de apresentar cenicamente os conteúdos aos pais. Isso porque, segundo elas,

[...] muitas vezes, a educação é confundida como um campo de atuação de formatação dos valores, comportamentos e aquisições de um conjunto de conteúdos para uma vida futura, seja na preparação para o mercado de trabalho ou para submeter-se aos exames do vestibular e de concursos diversos enfrentados pelo sujeito. Se a educação for compreendida sob este viés, constataremos, deste modo, a inexistência de um lugar da arte, enquanto experiência estética, no currículo escolar. (Ibid., p. 113)

A professora de teatro realiza projetos junto com as professoras regentes de cada série, para realização das montagens, para que, dessa forma, uma possa ajudar a outra e para que os alunos coloquem em prática o que eles aprendem em sala de aula. Franciole começa o ano retomando os conteúdos estudados sobre a estrutura do texto dramático já estudados, com cenas estabelecendo o “Quem”, “Onde” e “O Quê”, depois pede para que cada aluno escreva um texto dramático sobre um tema escolhido em sala, para quando forem montar o espetáculo. Na maioria das vezes, são os alunos que montam a cena sobre o quê estão aprendendo, para, depois, Franciole organizar a dramaturgia para peça.

Nesse sentido, ela estaria usando esses conteúdos como uma espécie de “pré-texto”, que diria respeito

[...] a um ponto de partida para a investigação cênica, podendo ser uma música, uma imagem, um objeto, um filme, um texto literário ou dramaturgicamente. O texto tomado por pré-texto pelo professor de teatro orienta o planejamento do percurso criador: a escolha de exercícios, jogos e improvisações utilizados num processo de montagem. O texto literário ou imagético proposto para o aluno no desenvolvimento de um jogo teatral ou improvisação age como desencadeador de imagens, personagens, narrativas e contexto para a cena. (MENDONÇA, 2009, p.18)

A montagem de um espetáculo não é obrigatória para o teatro e é sempre decidida em conjunto com as demais docente e coordenadoras de cada turma, mas a professora faz questão de realizá-la: primeiro, porque, segundo ela, a sensação é a mesma de quando ela está no palco, isto é, o frio na barriga, o nervosismo e a satisfação, depois da apresentação; e, também, por um desejo dos alunos de querer concluir a matéria com o espetáculo, subindo ao palco.

Ao que parece, a professora pratica o conceito de que processo e produto têm importâncias iguais no ensino de teatro, buscando, assim como proposto na afirmação de Joaquim Gama (2002, p. 268), “estabelecer um ambiente propício para uma experiência criativa e inspiradora, na qual o processo e a formulação de um produto tornam-se o caminho para a aprendizagem teatral”.

Segundo Maria Eunice de Oliveira e Tania Stoltz (2010), em seu texto *Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky*, o teatro nas escolas têm sua importância devido à sua motivação às crianças e adolescentes, à sua capacidade de tocá-los em todos os sentidos (emocional, cognitivo, motor e social), fazendo-os interagir consigo, com os outros e com o espaço, ter consciência de se colocar no lugar do outro, conseguir se expressar, usar a imaginação, a memória, a atenção e a compreensão textual.

A professora Franciole tentou colocar esse conceito em prática, nas suas aulas, mesmo tendo que cumprir um cronograma de apresentações, com conteúdos pré-estabelecidos. Para

tanto, ela inseria os conceitos teatrais que, depois, eram aplicados no desenvolvimento das cenas apresentadas. Como, por exemplo, com os alunos do 3º ano, no qual ela começou o ano ensinando sobre construção de texto teatral, trazendo modelos de diferentes textos, explicando os conceitos do “Quem”, “Onde” e “O Quê”, depois ela pedia aos alunos para improvisar cenas com essa estrutura, para, quando precisassem montar um texto sobre os temas estudados em sala, eles construíssem juntos o espetáculo.

Isso tudo me fez refletir e sobre a real importância do espetáculo para o processo de ensino nas escolas: Por que montar um espetáculo? Qual a contribuição do espetáculo para a aprendizagem dos alunos? Quais conceitos devo levar para que o espetáculo seja algo além da apresentação?

Possíveis respostas para essas questões, para mim, ficam muito claras quando recorremos aos estudos de Ana Mae Barbosa, nos quais ela explica que o ensino da arte deveria ser atravessado pelo que ela sistematizou como Abordagem Triangular do ensino de Arte, ou seja, o aluno deve fazer, ler e contextualizar arte. O conceito dessa abordagem é apontado no texto de Milena Guerson (2010, p. 5): “Barbosa explicita sobre a importância do fazer, mas não aplicado isoladamente, sem a análise da imagem; apregoa que fazer, ler e contextualizar devem ser conjugados, ou seja, ressalva o não isolamento das concepções”. A meu ver, essas três dimensões seriam indissociáveis numa proposta de metodologia para ensino de arte e, nesse caso, do Teatro.

Teatro na escola: para quê?

Com os alunos do infantil 5, as professoras montaram um espetáculo a partir de um livro que os alunos estudaram, “Segredinhos para ampliar as amizades”, de Jaqueline Miotto Zolet. Os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental gravaram um CD com a professora de música, com texto criado pela professora de teatro e um conteúdo estudado em sala de aula. No 2º ano do Fundamental, a professora escreveu um texto de acordo com o livro de poesias “Coisa boa”, de Sônia Barros, que a professora regente da turma ensinou, e ensaiou a peça com eles.

Já os alunos do terceiro ano estudaram sobre o descobrimento do Brasil e a professora Franciole conversou com eles sobre o que eles sabiam e o que estavam aprendendo, para começarem a escrever o texto da montagem. Os alunos do 8º ano estudavam Brasil Império à

partir do segundo semestre, por isso a escola escolheu a série para retornar com as aulas de Teatro, pois eles têm um projeto, que se chama “Projeto Petrópolis”, no qual os alunos fazem um excursão à cidade, conhecem o Museu Imperial, junto com o professor de história, e, posteriormente, escrevem uma cena sobre o conteúdo estudado. Este texto é repassado para a professora de teatro, que faz algumas adaptações para construir uma dramaturgia. Após isso, o mesmo é ensaiado com eles para apresentação.

Percebi que o que acontecia era muito mais um seguimento de padrão em relação às outras disciplinas, sendo o teatro uma espécie de reforço das demais. De modo que, como as montagens são sempre realizadas como projetos com outras professoras e estão sempre relacionadas com o que as turmas estão aprendendo, faz-me pensar sobre o texto da Prof^a Dr^a Carminda Mendes André (2008, p. 2), *Escola é lugar para artes?*, no qual ela afirma: “O professor de sala de aula, hoje, deixa de ser uma autoridade local e torna-se um executor dos programas de ensino (elaborados pelos especialistas das áreas de conhecimento)”.

Nesse sentido, ela problematiza acerca da nossa autonomia como professores de Arte, sobre o que realmente podemos fazer quando ensinamos teatro, pois estamos sempre “presos” há um projeto, a um ensino específico, com as especificações do que podemos ou não ensinar nas escolas.

Os jogos e a busca por uma metodologia dos sujeitos no mundo

Quando os alunos não estão em processo de montagem, a Franciole propõe alguns jogos, de acordo com as idades de cada turma, para trabalhar atenção, cumprimento de regras pré-estabelecidas e teatralidade. Por exemplo, para alunos do 3º, 2º e 1º ano ela passa o jogo do Jornal Nacional, no qual eles são repórteres que sugerem cenas e todos os alunos têm que executar as propostas: os repórteres foram a uma academia para mostrar os benefícios para saúde. Então, a professora coloca uma música e, em faz-de-conta, como se fosse uma academia, todos os alunos têm que fazer uma cena como se estivesse em uma academia. A cena tem que ser sem falas, somente com ações e gestos.

Esse jogo tem elementos de teatralidade, liberdade e auto expressão, como citados no texto de Joaquim Gama (2002), em *Produto ou processo em qual deles estará a primazia*, no qual ele menciona a metodologia criada por Viola Spolin, através dos jogos teatrais: “Para ela,

a atuação e qualquer outro elemento da linguagem teatral podem ser ensinados e aprendidos desde que seja oferecido um espaço propício à experiência criativa” (Ibid., p. 267).

Os alunos do infantil 5 estão iniciando nas aulas de Teatro, então, a professora utiliza mais de jogos de regras, para que além do ‘como se’, os alunos aprendam a cumprir as regras pré-estabelecidas, que futuramente serão utilizados em construção cênica. A turma, também, faz o jogo do Jornal Nacional, mas quem dá as notícias é a professora, os alunos só executam a “notícia” escolhida.

Para essa turma ela passa algumas músicas com coreografias e jogos, como “Céu e terra”, no qual eles ficam pulando uma linha no chão, de acordo com que a professora fala: céu ou terra, em que um lado é o céu e o outro lado é a terra e quem errar sai do jogo. Como são alunos de 5 anos, aproximadamente, tem alguns jogos que eles não conseguem fazer e outros que eles ainda estão aprendendo, a partir daí ela vai acrescentando as dificuldades de cada jogo.

Nesse caso, percebo que são consideradas as características trazidas por Koudela (2015, p. 233-234): “o jogo é conceituado a partir das fases da evolução genética do ser humano e entendido como instrumento de aprendizagem, promovendo o desenvolvimento da criatividade, em direção à educação estética e práxis artística”.

Para os alunos do 8º ano, ela propõe muitos jogos de improvisação, a cada semana, com regras diferentes, como: improvisação iniciando as frases com as letras do alfabeto, na ordem; utilização dos três planos (alto, médio e baixo), cada improvisador deve estar em um plano diferente e quando um deles muda, automaticamente, os outros devem mudar, para que nenhum deles fique no mesmo plano; entre outros.

Fazendo referência ao que Japiassu (1998) descreve, em seu texto *Jogos teatrais na escola pública*, alguns jogos de improvisação, nos quais percebo semelhança com os jogos realizados pela professora Franciole, que tinham como objetivo a expressividade dos adolescentes, com liberdade e sem uma cena pré-estabelecida e sem julgamentos de resultados, apenas uma forma de teatralidade livre.

Nesse sentido é que, percebi naqueles jogos o esse autor propõe:

no jogo dramático entre sujeitos (faz-de-conta) todos são "fazedores" da situação imaginária, todos são "atores". Nos jogos teatrais o grupo de sujeitos que joga pode se dividir em "times" que se alternam nas funções de "atores" e de "público", isto é, os sujeitos "jogam" para outros que os "observam" e "observam" outros que "jogam". (JAPIASSU, 1998, p. 3)

Simone Cintra (2010), em seu texto *Narrativas poéticas autobiográficas = (auto) conhecimento na formação de educadores*, descreve sobre sua experiência com autoconhecimento, na qual, através de algumas práticas realizadas, as alunas se tornam conscientes daquilo que são, mas que desconhecem:

O movimento de ampliação e transformação da consciência nos possibilita, portanto, novos modos de pensar e de agir, novas percepções acerca da vida, dos sentimentos, das relações interpessoais, do conhecimento... Implicando, em última instância, em outros modos de vivenciar o conhecimento de si e do mundo, em outros modos de desempenharmos nossa capacidade de 'reflexividade autobiográfica'. (CINTRA, 2010, p. 181)

De modo similar, Franciole fazia um jogo com os alunos no qual eles deviam fazer uma sequência de ações, para mostrar quem são e o que estão fazendo, numa relação com algumas profissões. Essa proposta tem relação com o que Cintra (2010) faz, pois elas utilizam profissões do cotidiano e realidades nas quais os alunos vivem como referência.

O que pode ser visto, por exemplo, na situação em que um aluno propôs a seguinte profissão: um programador de computação, que recebe dinheiro a cada *like* que consegue em seu site. Essa busca por *like*, para eles, é uma realidade relativamente próxima, pois, nos dias de hoje, a tecnologia é muito acessível.

De acordo com Carlos Alberto Marques e Luciana Pacheco Marques (2006), em seu texto, dialogando com Paulo Freire e Vygotsky sobre a educação, os dois teóricos relacionam as relações entre “sujeito-sujeito” e “sujeito-mundo”, para o aprendizado, num entendimento de forma que ninguém ensina a ninguém e ninguém aprende sozinho. O aprendizado é em conjunto do sujeito com outro, influenciado pelo mundo: “o processo de construção do conhecimento ocorre através da interação do sujeito historicamente situado com o ambiente sociocultural onde vive. A educação deve, nessa perspectiva, tomar como referência toda a experiência de vida própria do sujeito” (MARQUES; MARQUES, 2006, p. 3).

Considerações Finais

Analisando minha trajetória em sala de aula, enxerguei o quanto foi importante esse contato com a escola, como uma aluna-observadora e o tanto que isso interfere no nosso caminho como profissionais. Ao longo do curso, vi vários colegas que, ao passar pelo estágio

de observação, desistiram da licenciatura, como vi, também, alguns indecisos, decidindo-se pela docência. No meu caso, foi a confirmação de que realmente quero ser professora, mas que precisava mudar muito a minha maneira de lecionar.

Ao retornar ao projeto social em que havia começado como professora e receber os elogios dos alunos, consegui colocar em prática os ensinamentos que havia adquirido como aluna e a partir as experiências do estágio que queria levar para a sala de aula.

Algumas práticas realizadas pela professora Franciole me fez entender que, muitas vezes, as instituições nas quais trabalhamos nos fazem engessar, guardar alguns projetos na gaveta, por termos que cumprir um planejamento, um conteúdo específico. Mas, ainda assim, vi que ela tentava trabalhar vários conteúdos do Teatro e inserir teatralidade nos projetos solicitados.

Naquele contexto, em sua maioria, os alunos sempre estavam muito dispostos ao que a professora propõe, sendo poucos os que se recusam, mas, mesmo assim, a professora sabe esperar o momento de cada um e, na maior parte das vezes, deixa que eles percebam que o jogo é divertido e queiram jogar. Ela não força o aluno a entrar no jogo e pergunta qual o jogo eles preferem, para fazer com que eles também se sintam à vontade para participar da aula. Claro que, sempre, direcionando os alunos, para que eles não façam qualquer coisa, dando orientações para os conteúdos construídos.

Nas aulas, relação professora-aluno era muito próxima e não era necessário um autoritarismo da docente. Às vezes, era preciso ser rígida com os alunos, mas ela sabia fazer sem precisar gritar e/ou xingar. Nas vezes em que precisou chamar atenção, ela fez com que os alunos refletissem sobre o comportamento, para que eles mesmos pudessem analisar e melhorar. Uma frase que a professora utilizou e que se encaixa perfeitamente no comportamento dela é: “a professora não está aqui para vigiar os alunos e sim para compartilhar conhecimentos com eles”.

Foi muito importante a observação das aulas, pois mudou completamente a minha percepção de ensino. A experiência e, agora, essa análise me mostram possibilidades de como lidar com as diversas situações em sala de aula e da instituição escolar, especialmente no que tange ao ensino de Teatro, quanto ao cuidado que deve ter ao trabalhar com a formação de pessoas e o exemplo que, mesmo indiretamente, somos para esses alunos, colocando-nos como sujeitos históricos, visto pela ótica freireana e vygotskiana, segundo as quais, construímos a nossa história e somos educados a partir do meio social em que vivemos.

Enfim, a experiência do estágio trazida nesse artigo tenha sido de grande valia para o meu processo como professora, mas mais que isso, é entender como eu quero trabalhar com os alunos, até que ponto quero acatar às ordens da instituição para não me comprometer, quais as propostas quero levar para que o ensino de teatro não seja somente representar, mas que instigue os alunos a um fazer artístico, um pensamento crítico e a se posicionarem enquanto sujeitos.

Para tal, com as experiências vividas no curso de Licenciatura em Teatro, da UFMG, quero trazer essa experiência, no Teatro, baseada no conceito e dimensões de Abordagem Triangular do ensino de Arte, sistematizada por Ana Mae Barbosa, para que o aluno possa conhecer, pensar e fazer, experimentando as três faces do conhecimento artístico.

Nesse sentido, percebo, também, em como devemos escolher uma forma de construir esses processos criativos e de aprendizagem na escola, levando em consideração a nossa trajetória enquanto alunos e que tipo de professora que quero ser, lembrando dos professores que tive e de quais professores me influenciaram para a decisão de querer ser uma educadora.

Referências

ANDRÉ, Carminda Mendes. Escola é lugar para artes?. **Anais ABRACE**, v. 9, n. 1, 2008.

CANDA, Cilene Nascimento; BATISTA, Carla Meira Pires. Qual o lugar da arte no currículo escolar?. **Revista Científica/FAP**, p. 107 – 119, 2009.

DE OLIVEIRA, Maria Eunice; STOLTZ, Tania. Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky. **Educar em revista**, v. 26, n. 36, p. 77-93, 2010.

GAMA, Joaquim. Produto ou processo em qual deles estará a primazia. **Sala Preta**, v. 2, p. 264-269, 2002.

GUERSON, Milena. Ana Mae Barbosa e Luigi Pareyson: um dialogo em prol de “re-significações” sobre ensino/aprendizagem de Artes Visuais. In.: **“Existência e Arte”** - Revista Eletrônica do Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei – Ano V – Número V – Janeiro a Dezembro de 2010, p. 1-20.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. Jogos teatrais na escola pública. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 24, n. 2, p. 81-97, 1998.

KOUDELA, Ingrid Dormien et al. **Léxico de pedagogia do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

MARQUES, Luciana Pacheco; MARQUES, Carlos Alberto. Dialogando com Paulo Freire e Vygotsky sobre educação. **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)**, v. 29, 2006.

MENDONÇA, Célida Salume. **Fome de quê? Processos de criação teatral na rede pública de ensino de Salvador**. 2009, 237 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

PEDAGOGIA LOGOSÓFICA. Fundação Raumsófica de Logosofia, 2019. Pedagogia Logosófica. Disponível em: <<http://www.logosofia.com.br/pt/logosofia/pedagogia-logosofica/>>. Acesso em: 21 de maio de 2019

SILVA, Simone Cristiane Silveira Cintra et al. **Narrativas poéticas autobiográficas=(auto) conhecimento na formação de educadores**. Campinas, SP: [s.n.], 2010.